Corpos monetarizados e intercambialidades homoeróticas[1]

Monetarized bodies y homoerotic exchanges

Dorinaldo dos Santos Nascimento[2]

RESUMO: É escopo deste trabalho interpelar desejos e práticas homoeróticas vinculados às cenas erótico-sexuais, cujos personagens intercambiam sexo e dinheiro, no âmbito da prostituição masculina. Ancorando-nos em referencial teórico dos estudos literários e culturais, efetivamos a leitura dos contos "O encontro" (1967) e "Nem mesmo um anjo é entrevisto no terror" (2007), de Samuel Rawet; "Alguma coisa urgentemente" (2001), conto, e recorte do romance *A fúria do corpo* (2008), de João Gilberto Noll. As análises empreendidas sublinharam os efeitos da monetarização das relações erótico-sexuais entre os personagens figurados na díade michê/cliente, o cenário e as representações do sexo vendido pela ficção homoerótica.

Palavras-chave: Homoerotismo. Prostituição masculina. Homoculturas.

1 Introdução

A literatura de expressão homoerótica, ao longo do tempo, tem plasmado em seu discurso um amplo, heterogêneo e múltiplo espectro de experiências humanas, evidenciando o universo homossexual em seus desejos[3], vivências, cotidiano, frustrações, medos, as violências sentidas e provocadas, as formas de amar, ser, entender e sentir-se no mundo.

Dentre as diversas temáticas timbradas pela literatura de temática homoerótica, avultam, por exemplo, a patologização e rechaço dos sujeitos homossexuais; as amizades imbricadas na homossociabilidade ambígua e nos desejos sublimados; as crises familiares

[1] Texto resultante de projeto de tese em desenvolvimento, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo, apresentado, concisamente, em comunicação no Simpósio Temático *Homoculturas, linguagens e subalternidade*, no *13º Mundo de Mulheres & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11*, 31 de jul. a 4 de ago. de 2017, na Universidade Federal de Santa Catarina.

[2]Doutorando em Estudos Literários (PPLET), pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: dori.s.n@hotmail.com

[3] Ao longo deste trabalho, concebemos desejo homoerótico conforme Fernandes (2015, p. 42).

Revista Língua & Literatura, v. 35, n. 20, p. 1-16, jan./jun. 2018.
Recebido em: 10 ago. 2017
Aprovado em: 20 out. 2017

diante da não heterossexualidade do filho(a); a ambiguidade sexual e o fantasma do "armário"; a descoberta de si frente aos outros e a homofobia; a figura da bicha afetada entre o risível e o patético; os indivíduos de sexualidade fluida, dissidente, figurado na travesti; a deriva sexual e as "pegações"; o temor/efeitos da AIDS; a solidão e o envelhecimento *gay*; a questão da família e homoparentalidades; a atração e fascínio que o corpo jovem desperta em conexão ao mundo da prostituição.

No que tange à última temática, escopo deste trabalho, sob o prisma histórico no Brasil, sobremaneira na virada do século XX, havia uma associação direta e ofensiva que se fazia entre a homossexualidade e a prostituição (GREEN, 2000). O termo "puto", por exemplo, designava pejorativamente, sobretudo, os homossexuais afeminados e passivos, enxergados, de modo discriminatório, como pessoas vinculadas à prática marginal do sexo pago.

Nesse território subversivo à ordem socialmente instituída da prostituição masculina[4], sobressaem a condição de marginalidade e reprovação sociocultural heteronormativa àqueles que intercambiam prazer sexual e dinheiro, cuja imagem transgressora Perlongher (1987b, p. 58), em pioneiro estudo antropológico, traduziu como uma "massa de homossexuais pescando no esgoto das margens a água-viva do gozo". Desse modo, sob severos códigos de moralidade, a prostituição é uma função laborativa periférica traduzida enquanto zona de abjeção. Esta, concebida por Butler (2001, p. 155) da seguinte perspectiva: "O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas "inóspitas" e "inabitáveis" da vida social...o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção".

O sujeito que se prostitui, simbólico "homem infame" (FOUCAULT, 2006), sofre dupla abjeção *outsider*: a atividade em si, vista como aviltante (degradação moral) e a associação direta à homossexualidade, relacionada, de modo discriminatório, à vida sexual de sujeitos aberrantes, pervertidos e promíscuos. Aqueles que recorrem à prostituição podem sentir o peso de certa mácula de indignidade e desprestígio, pois pagar pode significar decadência em termos de valor erótico, também indicar experiências sexuais configuradas na clandestinidade do "armário" por sujeitos ancorados na heterossexualidade compulsória.

Neste trabalho, adotamos como objeto de análise, textos em prosa, dos escritores Samuel Rawet[5] (1929-1984) e João Gilberto Noll (1946-2017)[6]. O fio convergente que os

[4] Para uma maior caracterização da prostituição masculina/michetagem ver Nascimento (2016).
[5] Sua obra de ficção consiste nas compilações de contos: *Contos do imigrante* (1956), *Diálogo* (1963), *Os sete sonhos* (1967), *O terreno de uma polegada quadrada* (1969), *Que os mortos enterrem seus*

amarra, neste artigo, é a literatura de temática homoerótica por meio da qual ambos dão corpo a personagens que intercambiam sexo e dinheiro no ambiente da metrópole. Nas narrativas dos dois escritores, imbricam-se, num jogo inquietante e tenso, figuras como, o michê assassino, o michê errante e ocasional, o michê racializado ("negro", "o mulatinho"), assim como os personagens, donos do capital e de desejos sinuosos e arriscados. Por outro lado, os fios que os unem se rompem ao destoarem pelo registro formal, cosmovisão e projeto estético.

Samuel Rawet, judeu polonês, naturalizado brasileiro, se inscreve na ficção moderna brasileira, segundo a crítica literária - Assis Brasil (1975), Hohfeldt (1988), Bosi (2000) -, como um dos pioneiros do conto contemporâneo no Brasil. Sua transgressão ao conto tradicional se dá pela fragmentação do enredo, pelo discurso descontínuo, a supressão ou ocultação de nexos sintáticos e as internalizações dos personagens. Para Klidzio (2010, p. 185), a ficção rawetiana inova com as "frases sincopadas, cortes nunca vistos no enredo, escapulindo deste e dando espaço ao pensamento do personagem dentro do espaço da ação, de raro efeito sobre o conjunto dramático; ou ainda, os personagens são deixados em suspenso e adentra-se numa ação de outro tempo" (KLIDZIO, 2010, p. 185). São recursos que marcam a peculiaridade do escritor e ao mesmo tempo perturbam o leitor mais afeito à sequência linear da narrativa.

João Gilberto Noll, escritor gaúcho, dono de uma prolífica (também premiada) bibliografia, é um nome representativo da literatura de temática homoerótica brasileira contemporânea. Além de sua singular prosa poética, sua obra dialoga com a tradição da prosa modernista em relação ao coloquialismo, ao hibridismo de gêneros, ao cotidiano plasmado na ficção e ao jogo metalinguístico de narrativas superpostas. A ficção de Noll é marcada pelo fragmentário, pelo mal-estar pós-moderno e a obsessão por situações de perda. Sua estética literária ("pele da linguagem") se constituiu, também, em interlocução à música e ao cinema (CAMARGO, 2007).

---

mortos (1981); e as novelas Abama (1964) e *Viagens de Ashaverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e do futuro que já passou porque sonhado* (1970).

6 Sua bibliografia compreende três coletâneas de contos: *O Cego e a Dançarina* (1980), *Mínimos Múltiplos Comuns* (2003), *A Máquina do Ser* (2006) e quinze romances: *A Fúria do Corpo* (1981), *Bandoleiros* (1985), *Rastros de Verão* (1986), *Hotel Atlântico* (1989), *O Quieto Animal da Esquina* (1991), *Harmada* (1993), *A Céu Aberto* (1996); *Canoas e Marolas* (1999), *Berkeley em Bellagio* (2002), *Lorde* (2004), *Acenos e Afagos* (2008), *O nervo da noite* (2009), *Sou eu!* (2009), *Anjo das Ondas (*2010), *Solidão Continental* (2012).

2 Corpos para o consumo na ficção homoerótica

Com contornos cinematográficos, pela composição de imagem, o ápice e desfecho do breve, alinear e elíptico conto *O encontro*, de Samuel Rawet, presente no livro *Os sete sonhos* (1967) desenvolvem, por meio da voz do narrador heterodiegético, uma cena funesta, estranha e muito simbólica em que um michê assassina, em uma rua escura e erma, o personagem cliente. Este, para atraí-lo, lança notas de dinheiro ao chão, como se jogasse iscas a um animal predador. Eis a passagem da narrativa:

> Principiou a tirar o dinheiro que pusera no bolso da camisa, e a soltar as notas uma a uma. Percebia pelas pausas dos passos que o seguiam que o tipo se abaixava para recolhê-las.... Soltava as notas de cinco em cinco, depois de duas em duas...O tipo encarou-o duro, maciçamente duro, na certeza de que além do trabalho, e além do que havia recolhido, haveria ainda mais pelos bolsos. E mais duro ainda porque era suficientemente sagaz para perceber a humilhação. Foi então que ele deixou cair o último maço de notas no centro da pequena clareira em que se encontravam, a dois passos um do outro. E se aproximou do tipo que o esperava tendo na mão o brilho de uma faca, lâmina larga, dois gumes, e ainda conseguiu abraçá-lo, e beijá-lo antes que um reflexo de prata e sangue lhe tingisse os olhos (RAWET, 1967, p. 25-26).

Nesta arriscada cena, inscrita nas tramas do sexo pago, é necessário sublinharmos a dupla erotização manifesta pelos/nos personagens. Primeiro, tem-se a erotização do espaço urbano na contemporaneidade[7], no qual, segundo Perlongher (1987b, p.61), "A rua, 'microcosmo da modernidade', torna-se algo mais que um mero lugar de trânsito direcionado ou de fascinação consumista; revela-se, também, um espaço de circulação desejante, de errância sexual". Prostitutos e homossexuais "exploram, entre outros *flâneurs* libertinos, as possibilidades libidinais do fluxo das metrópoles".

Avulta, também, subjacente à cena, a erotização do crime, do ato de matar outro homem por quem o desejo é interditado, resultado da forte mentalidade heteronormativa. Já que o michê dessa narrativa sente o peso ambivalente que oscila nele, do ódio à excitação, do tesão à repulsa. "Ao receber a metade [dinheiro] já o odiava suficientemente. Enrolando as notas no bolso da calça, seus dedos miúdos e endurecidos alisavam a própria coxa e afagavam seu membro entumecido" (RAWET, 1967, p. 23). Desse modo, ao ser contratado, opera nele ao mesmo tempo, a excitação física que oscila entre o desejo irrefreável pelo sexo com o outro homem e o desejo de exterminá-lo.

[7] Em todos os textos literários analisados, neste trabalho, é explorada essa perspectiva da erotização do espaço urbano contemporâneo.

A voz narradora deixa evidente que o michê é oriundo de um ambiente rústico, simples e situação socioeconômica baixa (através do sonho descrito no conto) e que já tivera outros clientes, já se prostituía. Convém asseverarmos no que tange ao perfil do michê, que é a macheza das classes baixas oferecida e vendida, segundo Bourdieu (2014), constitutiva da oposição clássica burgueses/proletários, estes últimos identificando a feminilidade com a submissão. No hotel, onde se encontra instalado, ao lembrar-se dos encontros monetarizados anteriores com outros homens, o michê cai em total estado de excitação. "O membro ereto, o corpo em tensão, a cabeça pesada e os olhos dilatados...a tensão era forte e a excitação não pedia propriamente beijos e afagos. Pedia apenas uma ejaculação intensa. Masturbou-se" (RAWET, 1967, p. 23-24).

Comportamento homoerótico do personagem que rasura sua masculinidade acentuada, até mesmo por ele ser, segundo pistas textuais, um matador de aluguel e proveniente de região brasileira (nordeste), cuja cultura machista é muito intensa. Na contramão disso, ele ignora, de modo intermitente, o possível sexo com mulheres ("das redondezas" e "dos cubículos do hotel"), ou seja, sua heterossexualidade compulsória. Esta, contudo, se sobrepõe na sua psique, o impelindo ao crime homofóbico por meio do qual ele busca matar, além da vítima, seu próprio desejo pelo corpo de outro homem. Ato do personagem que o insere na galeria ficcional de sujeitos enrustidos rawetianos, os quais "apresentam-se como seres da desconstrução já que rejeitam aquilo que a seus olhos surge como uma monstruosidade, mas que finalmente os caracteriza" (TOMUS, 2012, p. 2).

À luz disso, não podemos perder de vista, que a narrativa de Rawet gestou-se num período, cuja configuração sociocultural brasileira era dominada, ainda, pelo discurso médico-legal e seus manuais de sexualidade patologizante (extensão do pensamento de décadas anteriores); o naturalismo trágico recorrente na literatura e cinema; a conexão entre homossexualidade e criminalidade acentuada pelos meios de comunicação de massa (televisão, sobretudo) que passou, também, a explorar a caricata estereotipia da "bicha" afeminada (FÍGARI, 2007).

Nesse contexto, a cena final do conto deixa subjacente a ideia da homossexualidade como queda, a aniquilação do sujeito que orienta seu desejo para outro de mesmo sexo. A homossexualidade como uma transgressão ao interdito, que se associa ao noturno - possui toda uma semântica daquilo que não pode ter visibilidade. Essa conotação de aniquilamento ganha corpo na figura do personagem que, num gesto transloucado, bizarro, sai lançando ao chão notas de dinheiro. Este, no chão da metrópole, sede do intercâmbio monetário, "com

toda sua ausência de cor e indiferença... arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade" (SIMMEL, 1976, p. 16).

O personagem não lança, apenas, dinheiro no chão. Ele próprio se lança no abismo, assume riscos ao (des)encontrar-se com o desconhecido michê. Para Perlongher (1987, p. 67), "a tentação pelo abismo pode aparecer sob a forma de um 'gosto pelo perigo', que conduz alguns [homossexuais], se não a certo gozo masoquista, a uma intensificação mortífera das pulsões investidas na transação, condensada na equação terror/gozo". Nesse sentido, o personagem leva ao limite essa "equação terror/gozo", já que ao ser assassinado, ele, metaforicamente, experimentou, depois do abraço e do beijo, o prazer próximo do gozo orgástico ao sentir a penetração da lâmina em seu corpo. Um enlace sexual, possível somente, como um ato de morte.

Esse ato extremo de entregar-se ao perigo, pagando com a vida o seu desejo por outro homem, não ocorre nele sem desassossego, angústia, medo, hesitações. Na verdade, um dia de expectativa. "A noite passada em intervalos de insônia e sonolência...Fumou muitos cigarros, sabia que era praxe fumar muitos cigarros em situações idênticas. Tomou muito café, bebeu alguma coisa que não sabia definir bem. A garrafa estava sem rótulo" (RAWET, 1967, p. 24-25, grifo nosso). O narrador evidencia não ser a primeira vez que o personagem saía com parceiros sexuais anônimos em encontros fortuitos. Eis a passagem em que a voz narradora traduz parte do *modus operandi* do personagem/cliente: "Passou rente ao tipo [michê] numa sugestão de caçada[8]" (RAWET, 1967, p. 22). Assim, emaranhando-se nas tramas sinuosas e marginais do sexo pago, o personagem, dá vazão à errância sexual dissidente no espaço da cidade moderna.

Essa inscrição homoerótica no espaço da metrópole em conexão às práticas e exercício da prostituição é acentuada, de modo contundente, no romance "A fúria do corpo" (2008), de João Gilberto Noll, publicado pela primeira vez em 1981. Nele, o narrador-protagonista - espécie de "infame *flânerie*" ou "*flânerie* depauperada" (ROS, 2008) -, partilha grande parte de sua frenética vivência andarilha de mendigo, das misérias e da ausência de perspectivas pelas ruas do Rio de Janeiro com sua amada Afrodite, assim nomeada por ele, este "audaz navegante da pós-modernidade [que] reinventa-se a partir do caos das grandes cidades...do fim de todas as utopias ou pelo menos das desilusões e desencantos advindos do que restou delas" (CAMARGO, 2007, p. 17).

[8]Termo que designa, segundo Green &Polito (2006) o flerte entre homossexuais.

Em um ritmo irrefreável onde o corpo parece nunca saciado, extravasando lubricidade e êxtase, o andarilho que conduz a narrativa, em um elaborado fluxo de consciência, às vésperas do carnaval, se envereda no mundo da prostituição na tentativa de ajudar Afrodite, que se prostitui numa boate, a pagar o imóvel ("apoio domiciliar precário") onde pousavam por um tempo. Em busca de dinheiro, ele se endereça para a Avenida Nossa Senhora de Copacabana (ponto de michês, travestis e prostitutas). Após fazer todo um jogo de sedução, gestos e manipulação do pênis deixando-o ereto, recebe abordagem e proposta monetária de um cliente que o leva para seu amplo e luxuoso apartamento.

A cena de sexo entre os dois ocorre ao som da emblemática cantata "ActusTragicus", de Bach, apontando "diretamente em sua nomenclatura para a tragédia do ato que, embora traga dor ao narrador, tem sua força trágica no fato de ser realizado por dinheiro" (CAMARGO, 2014, p. 173). O protagonista descreve detalhadamente o ato sexual com o cliente – sua inicial resistência em ser penetrado por um homem, segundo ele a primeira vez; o pensamento no dinheiro e o necessário desprendimento, despudor para ser um "profissional do sexo", alguém que comercializa o corpo e precisa atender aos desejos, fantasias de quem está pagando. Mais adiante, relembra a situação e faz uma reflexão desconcertante acerca da condição de se prostituir em paralelo às formas convencionais de trabalho:

> Eu nunca tinha sido puto neste sentido mais ortodoxo da palavra. Puto, ter dado o buraco que tinha em troca de grana, o comprador fez do meu rabo o que bem entendeu, enfiou nele a pica dura, poderia ter enfiado um porco-espinho e eu não poderia reclamar, o comércio é assim, eu estar ali era trabalho, o trabalho cada dia mais difícil na Cidade, entre estar num escritório com ponto batido quatro vezes ao dia e dar o cu não havia dúvida: dar o cu; o cu legítimo, não o cu figurado e sordidamente eufemístico que damos pela vida afora até morrer (NOLL, 2008, p. 107).

Desse excerto, podemos pensar que, mesmo marginalizando seu corpo, objeto de uso sexual, submetendo-o aos desejos e preferências de quem lhe garante dinheiro; mesmo sentindo uma violência física do ato sexual "o pau dele entrava pelo meu cu adentro, dar o cu doía mais que o prego na cruz mas valia as três notas novinhas" (NOLL, 2008, p. 112), a voz crítica do narrador evidencia a sua posição: entre prostituir sua força de trabalho (no escritório, por exemplo) e prostituir seu corpo, ficaria com essa opção. Ele, ao contrastar a marginalização do sujeito que se prostitui ("dar o cu; o cu legítimo") com as regras capitalistas de trabalho socialmente consagradas ("dar o cu figurado e sordidamente eufemístico que damos pela vida afora até morrer") faz ecoar sua crítica à mais-valia

capitalista. Na perspectiva de pensamento do narrador, a força de trabalho canônica (com regulações, coerções) não seria superior à prostituição.

Nesse contexto, sob a ótica foucaultiana, o corpo é enredado pelas relações de poder. O filósofo francês destaca a conexão entre o investimento político no corpo e seu utilitarismo econômico: "O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso" (FOUCAULT, p. 26). Nesse sentido, o corpo insubmisso do protagonista nolliano se afigura como transgressor dos ditames do trabalho capitalista. Ele torna-se um corpo que é uma espécie de "sombra que se esquiva das garras do sistema... é também o emblema da ruína humana numa sociedade que privilegia a produção material e mercadológica, isto é, um corpo representativo do não-utilitário" (ROS, 2008, p. 95).

Depois do ingresso na esfera do sexo pago, o andarilho retorna ao apartamento onde festeja com Afrodite, iguais crianças, o "deus dinheiro" capaz de ofertar alegria e solver, nem que seja momentaneamente, a fome. Uma das passagens mais líricas do romance:

> Brinco de carrossel... eu e Afrodite giramos na mesma direção do mundo ou é contra a rotação da Terra?, sabemos, apenas giramos com nosso orgulho infantil de fazer brincar nosso próprio oásis, no nono andar de um prédio da Barata Ribeiro duas crianças a girar, eternamente, o Rio é confuso, pra onde se vai seu mundo?, o mundo não responde, ninguém responde, apenas se gira, se gira e eu jogo as três notas de mil pro alto e festejamos o deus dinheiro que pousa no chão numa leveza e elegância que só nos irradia leveza e elegância, o mundo gira, a vida gira...(NOLL, 2008, p. 108).

Enquanto o mundo gira sem parar, regido por esse "deus dinheiro", o protagonista do romance faz concessões sexuais: "[...]nunca tinha dado o cu mas me virei, ele encheu de cuspe o meu cu, encheu de cuspe o pau dele, pediu que eu ficasse de joelhos e inclinado, fiz tudo direitinho e deixei, que viesse aquela pica e me penetrasse inteira" (NOLL, 2008, p. 106). No segundo programa entre os dois, eis o que ele revela de si: "[...] arriei a calça e mostrei a bunda para o homem, puto, puto, puto, três vezes puto...enquanto o homem metiametia e eu sacolejava o rabo por necessidade de precisar de mais e mais e mais" (NOLL, 2008, p. 112). Desse modo, enredado nas tramas do sexo rentável, o narrador nolliano poderia afirmar o que Souza Neto (2009, p. 68) assevera: "O dinheiro torna-se, então, o fator de permissividade para as possibilidades de transitoriedade, flexibilidade exigidas pelas performances sexuais durante o coito sem com isso, interferir ou ameaçar sua própria identidade".

Em relação ao dono do capital, o personagem que vai à rua à procura do sexo ocasional da prostituição - homossexual de classe socioeconômica elevada, apreciador de

música clássica e residente de um apartamento opulento -, a voz narradora diz que ele "estava cansado do luxo...ele parecia sofrer, talvez porque já não conseguisse extrair nenhuma emoção do que não fosse a trepada que tinha procurado, que tinha sido paga, resolvida, consumada" (NOLL, 2008, p. 110). Concretizado pelo "ilegítimo" mundo da prostituição e dialogando com a reflexão de Mafessoli (2001, p. 28-29), o desejo de errância sexual dessa personagem:

> [...]seria a expressão de outra relação com o outro e com o mundo...repousando sobre a intuição da impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos. Sentimento trágico da vida que, desde então, se aplicará a gozar no presente, o que é dado ver, e o que é dado viver no cotidiano, e que achará seu sentido numa sucessão de instantes, preciosos por sua própria fugacidade.

O personagem lança-se no abismo ao contratar um michê desconhecido e levá-lo para seu apartamento, bem como ele se constitui no vazio existencial do sujeito pós-moderno, cuja vida material abastada é "preenchida", mesmo que como algo momentâneo, com o sexo pago. Este, junta-se a outras mercadorias ofertadas pela sociedade de consumo na contemporaneidade.

No conto "Nem mesmo um anjo é entrevisto no terror"[9] (2007), publicado no livro "Que os mortos enterrem seus mortos" (1981), Samuel Rawetficcionaliza novamente o espaço urbano. Na narrativa, acompanhamos a inquieta e infeliz "caçada" do protagonista em busca de parcerias anônimas, ocasionais e sem compromisso no circuito de espaços públicos cariocas (Lapa, Passeio Público) - lugares timbrados, em especial, pela prostituição. Sabendo-se que, a topografia da prostituição - correspondente "às zonas de perdição e vício das grandes cidades (espécie de esgoto libidinal das megalópoles) ", segundo Perlongher (1987) - tende a coincidir ou cruzar com o espaço da aventura homoerótica da rua. Nela perambulam, unidos por preferências e comportamentos eróticos, sujeitos em busca de sexo, prazeres e outras práticas próximas à ilegalidade.

O desenvolvimento de relações sociais relativamente ancoradas na impessoalidade e anonimato em espaços mais urbanizados durante o século passado fez com que o complexo espaço da cidade se tornasse cada vez mais erotizado e sexualizado, palco para contatos homoeróticos impessoais, para interações e aventuras sexuais por meio do desejo da paquera, da pegação, de seduções e dos olhares. "Ao se esconderem no anonimato da cidade e se apropriarem do olhar do outro não como forma de controle social, mas como uma expressão do desejo", o sujeito homossexual é capaz de "transformar o espaço de outra forma hostil do

[9]O conto foi publicado, pela primeira vez, na Revista José – Literatura, crítica e arte, nº 3, setembro de 1976.

mundo heterossexual dominante em um campo de possibilidades eróticas" (PARKER, 2002, p. 91).

Nesse âmbito, no conto de Rawet, à deriva, o personagem vaga à espreita de casuais parceiros em possíveis encontros fugazes de sexo "[...]na expectativa de uma sucessão de acasos que lhe permitisse enfim uma presença a dois em que toda fome afetiva se realizasse num contato sôfrego de dedos ou lábios, no intervalo de uma presença e outra" (RAWET, 2007, p. 148). Durante a sua perambulação pela madrugada (entre 1h10min e 2h45min) lemos por meio de um narrador heterodiegético duas cenas vinculadas ao universo do sexo pago. Na primeira, o protagonista, enquanto anseia que surja algum parceiro de sexo assiste a uma típica cena de abordagem/transação de gestos e interesses entre cliente que se aproxima num carro e um michê que negocia o programa:

> Um automóvel diminui a marcha quase à sua frente e os olhos se acendem ao vislumbrar a camisa vermelha, e uma cabeça de sombras. Desloca-se para o meio-fio. Mas o carro estaciona além, junto a um negro magro e alheado. Hesita. Coça a braguilha e uma cabeça se aproxima do vidro baixado. O negro se curva, cumprimenta com a mão displicente, responde vago às perguntas, aceita um cigarro, ergue os olhos em direção ao Aterro enquanto de cotovelo na porta, curvado, ampara o corpo com uma ideia de equilíbrio. A mão lânguida, do interior, roça seus dedos e descansa no dorso, os dedos do negro se agitam, gira a palma, e os dedos se entrelaçam. O negro sorri. (RAWET, 2007, p. 148-149, grifo nosso).

Essa cena, que faz um desenho coreográfico das interações erótico-sexuais do sexo pago no espaço da rua, é melhor compreendida quando a iluminamos, contextualmente. No Brasil, sobretudo, a partir década de 70 do século passado, houve uma crescente oferta de serviços (bares, saunas, cinemas eróticos, hotéis) para o público homossexual. Nesse contexto, ainda incipiente, de ascendente liberalização e da mercantilização do desejo sexual homoerótico que visava, sobremaneira, possibilitar ao gay "encontros sexuais", e não locais nem experiências afetivas; havia, sobretudo, "corpos para o consumo". E dentre esses corpos, além das travestis, são os michês que tomam as ruas (TREVISAN, 2000). Decorrência direta da pauperização vigente e à lumpesinagem dos jovens mais emprobrecidos e desempregados (PERLONGHER, 1987).

O michê negro dessa história é duplamente simbólico. Seja como jovem empobrecido, de classe socioeconômica baixa, seja ele figurado, principalmente, enquanto objeto da "racialização do desejo" (SANTOS; PEREIRA, 2016). O corpo negro como objeto de desejo e fetiche, como sinônimo de virilidade, potência, lubricidade:

> Existe um folclore segundo o qual os negros são mais viris, mais potentes, dão mais no 'coro'; é o mito do negro forte, machão, violento e que possui o pênis com proporções gigantescas, que se cultiva muito, também entre os homossexuais. É muito comum a gente ouvir homossexuais dizerem que transaram com um 'negão', ou um 'negão do pau desse tamanho' (PERLONGHER, 2012, p. 143).

Isso se coaduna a uma outra cena em que aparece a figura do michê "mulatinho". Eis a descrição de mais um personagem marcado pela racialização: "Um rapazote vinha da rua do Passeio...O rapazote meio que para não para, olha de viés e com desprezo prossegue. A lâmpada acentua *o volume nas virilhas*" (RAWET, 2007, p. 149, grifo nosso). Nesse sentido, os dois personagens michês podem simbolizar, também, no âmbito da fetichização erótica, a ideia de uma hipersexualidade e objetificação em sua sexualidade (SANTOS; PEREIRA, 2016, p. 10) ficando, de modo negativo, reduzidos e encerrados nessa objetificação.

A erotização na rua da metrópole contemporânea se faz presente, também, no conto "Alguma coisa urgentemente" (2001), de João Gilberto Noll. Publicado no livro "O cego e a dançarina" em 1980, obra de estreia do escritor. Nele, a premência para agir que marca o título da história refere-se ao protagonista da narrativa, um adolescente tangido na orfandade, seja em relação à mãe que o abandonou muito pequeno, seja em relação ao pai que o colocou durante toda infância em um colégio interno. Ele não compreende as intermitentes fugas do pai, desde a infância (aparece e desaparece da vida dele sem explicações, pelos indícios textuais indica ser um clandestino na vigência da ditadura militar).

Em uma dessas aparições do pai, este o deixa em um apartamento sozinho, sem saber de quem e por que está naquele lugar. O dinheiro deixado pelo pai vai minguando com o tempo, ao passo também que o garoto deixa de frequentar a escola. Então, ele vê-se obrigado a ter que se virar na metrópole carioca:

> Mas o dinheiro tinha acabado e eu estava caminhando pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana tarde da noite, quando notei um grupo de garotões parados na esquina da Barão de Ipanema, encostados num carro e enrolando um baseado. Quando passei, eles ofereceram. Um tapinha? Eu aceitei. Um deles me disse olha ali, não perde essa, cara! Olhei para onde ele tinha apontado e vi um Mercedes parado na esquina com um homem de uns trinta anos dentro. Vai lá, eles me empurraram. E eu fui. - Quer entrar? o homem me disse. Eu manjei tudo e pensei que estava sem dinheiro. - Trezentas pratas – falei. Ele abriu a porta e disse entra, o carro subiu a Niemeyer, não havia ninguém no morro em que o homem parou. Uma fita tocava acho que uma música clássica e o homem me disse que era de São Paulo. Me ofereceu cigarro, chiclete e começou a tirar a minha roupa. Eu pedi antes o dinheiro. Ele me deu as três notas de cem abertas, novinhas. E eu nu e o homem começando a pegar em mim, me mordia de ficar marca, quase me tira um pedaço da boca. Eu tinha um bom físico e isso excitava ele, deixava o

> homem louco. – Vamos – disse o homem ligando o carro. Eu tinha gozado e precisei limpar com a sunga. (NOLL, 2001, p. 419).

Sozinho na cidade grande, evadido da educação formal da escola, adolescente em processo de enfretamento e encontro de si, o garoto protagonista dessa cena, sujeito deambulante nos fluxos e trânsitos da vida na metrópole, segue sua errância pelas ruas do Rio de Janeiro em contato com parcerias e amizades (michês, malandros) aderentes a uma vida marginal. Assim, quase como uma contingência de estar se marginalizando, ele intercambia seu corpo jovem de "garotão" por dinheiro, cuja fonte é um homossexual, dono do capital e fantasias que o sexo "ilegítimo" possibilita experimentar na cidade, sede do intercâmbio monetário.

Considerações finais

As narrativas em escopo abordam o universo das intercambialidades econômico-sexuais entre personagens figurados na díade michê/cliente inseridos no espaço da metrópole. O ponto de intersecção é a marginalidade da prostituição masculina que ocorre na rua. Todas as histórias são fabuladas tendo como cenário diegético o espaço erotizado e sexualizado da rua, convertido em lugar de circulação desejante, de errância sexual, de possibilidades libidinais entre prostitutos e homossexuais.

Nos textos em tela de Rawet e Noll aparecem na rua erotizada os "corpos para o consumo" dos personagens que se prostituem. Nesse sentido, avultam os michês rawetianos - o assassino viril, símbolo de macheza, que tenta matar seu desejo pelo corpo de outro homem e os michês "racializados" (negro/mulatinho) objetificados enquanto fetiche sexual. Também, os michês errantes/ocasionais nollianos que fazem concessões sexuais para sobreviverem na metrópole impessoal: um que ecoa sua voz crítica às formas convencionais de trabalho em contraponto às práticas do sexo pago, outro lançando na orfandade e desamparo oferta seu corpo jovem e atraente.

Há também os corpos, donos do capital, que se jogam no abismo, entregam-se à tentação do perigo, assumem riscos, como em Noll a personagem rica que leva o desconhecido michê para seu opulento apartamento e o coroa que coloca em seu carro um "garotão", levando-o para um morro isolado. Em Rawet, o cliente que para seu carro na madrugada e negocia com o michê negro, até o ato mais extremado do personagem da outra narrativa que paga com a com a vida seu desejo de errância sexual sendo assassinado.

Se os escritores em estudo dialogam pela temática da prostituição masculina fabulando personagens que interagem no âmbito da monetarização das relações sexuais na metrópole, cuja rua abra-se à libido homoerótica, eles destoam totalmente quando pensamos no registro formal, cosmovisão e projeto estético.

A escrita rawetiana se constrói numa linguagem elíptica, com frases sincopadas, suspensão de nexos sintáticos, discurso descontínuo, cujos enredos fragmentados, alineares geram ambiguidades. Os dois contos rawetianos são constituídos pelo narrador heterodiegético imbricado ao predominante discurso indireto livre por meio do qual dá-se espaço às internalizações das personagens, conforme o desassossego vivenciado pelos protagonistas. O enredo é estilhaçado, o personagem da narrativa rawetiana "emerge em moldes fragmentados, de caráter ou personalidade fracionada" (KLIDZIO, 2010, p. 175).

A literatura homoerótica de Rawet, apesar de desenvolver enredos acerca da marginalidade de experiências homossexuais, se faz numa estética mais sutil, com passagens que enunciam erotização, nada muito explícito. Essa sutileza no tratamento da questão homoerótica se coaduna a personagens marcados, sobretudo, pela culpa, aniquilamento, enrustecimento presentes nos contos analisados.

Por outro lado, a narrativa hiper-realista de Noll, sobremaneira no romance recortado, apresenta descrições hipermiméticas evidenciadas, sobretudo, nas cenas de sexo homoerótico, cuja linguagem mescla, de maneira singular, uma prosa poética ao vocabulário mais desigienizado e escatológico (pau, cu, porra, rabo, cuspe, fuder). O corpo é enunciado com seus orifícios e secreções, sem ambiguidades, subentendidos. Isso se estende ao tratamento e à visão em relação aos desejos e práticas homoeróticas que ganham corpo em seus textos sem tabus, pudores e/ou culpa. Sobressaem nas narrativas em tela, também, os narradores nollianos que assumem a primeira pessoa enquanto narradores-personagens, cuja voz discursiva indicia o mal-estar pós-moderno e as situações de perda.

Nessa perspectiva, o escritor gaúcho integra a linha estética de escritores urbanos que falam da vida das metrópoles, estas configuradas como "locushorribilis" (PELLEGRINI, 2001), traduzido na opressão em diversos "níveis": social, expressando o processo de exclusão da grande maioria da sociedade; político, expressando a centralização do poder; ideológico, expressando as crenças que oprimem os indivíduos urbanos, impedindo-os de se realizarem afetiva e pessoalmente; estético, expressando do ponto de vista linguístico a atmosfera nervosa dos grandes centros urbanos.

ASTRACT: It is the focus of this paper to question homoerotic desires and practices linked to erotic-sexual scenes, whose characters exchange sex and money in the context of male prostitution. Anchoring ourselves in theoretical reference of literary and cultural studies, we made the reading of the short stories "O encontro" (1967) and "Nemmesmo um anjo é entrevisto no terror" (2007), of Samuel Rawet; "Algumacoisaurgentemente" (2001), short story and a cut from the novel "A fúria do corpo" (2008) by João Gilberto Noll. The analyzes undertaken underlined the effects of the monetarization of erotic-sexual relations between the characters depicted in the prostitute / client dyad, the scenario and the representations of sex sold by homoerotic fiction.

Keywords: Homoeroticism. Male prostitution. Homocultures.

Referências

ASSIS BRASIL. **História crítica da literatura brasileira.** A nova literatura III: o conto. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. 2 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. 21 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-167.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. **A transfiguração narrativa em João Gilberto Noll:** A céu aberto, Berkeley em Bellagio e Lorde. 2007. 149 f. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG, Belo Horizonte.

_____. O único roteiro é o corpo. O corpo. In: CAMARGO, Fábio Figueiredo et al. (Org.). **Ensaios sobre romances dos séculos XX e XXI.** Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014. p. 154-178.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** o nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 33 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

_____. A vida dos homens infames. In.: **Ditos e escritos,** v. 4. Trad. Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006, p. 203-222.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scortecci, 2015.

FÍGARI, Carlos. **@s outr@s cariocas:** interpelações, experiências e identidades homoeróticas – séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval:** a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GREEN, James Naylor; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HOHFELDT, Antonio. **Conto brasileiro contemporâneo.** 2 ed. Porto Alegre: Mercado das Aberto, 1988.

KLIDZIO, Natalia. Rawet e a atitude de transgressão no conto brasileiro. In: **Itinerário urbano na vida e obra de Samuel Rawet.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010. p. 177-196.

MAFFESOLI, Michel. A pulsão da errância. In: MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.19-34.

NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santos. Homoerotismo e prostituição masculina em contos de GasparinoDamata. **Anais do XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades,** Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 8 a 10 de Junho de 2016.

NOLL, João Gilberto. **A fúria do corpo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record: 2008.

_____. Alguma coisa urgentemente. In.: MORICONI, Ítalo (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 416-422.

PARKER, Richard. **Abaixo do equador:** culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. **Revista de Crítica Literária Latino-Americana,** Lima-Hanover, n. 53, p. 115-128, 2001.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê:** prostituição viril em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. Vicissitudes do michê. **Temas IMESC***,* Soc. Dir. Saúde, São Paulo, 4(1), p. 57-71, 1987b.

RAWET, Samuel. O encontro. In: **Os sete sonhos.** Rio de Janeiro: Orfeu, 1967. p. 22-26.

_____. Nem mesmo um anjo é entrevisto no terror. (1981). In.: RUFFATO, Luiz. (Org.). **Entre nós.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 147-150.

ROS, Adrianna Meneguelli da. **A fúria do corpo na contramão do fluxo:** a prosa de João Gilberto Noll. 2008. 190 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais– UFMG, Belo Horizonte.

SANTOS, Elcio Nogueira dos; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. **Revista Estudos Feministas,** v. 24, n. 1, Florianópolis, jan. /abr. 2016.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In.: VELHO, Otávio Guilherme. (Org.). **O fenômeno urbano.** Trad. Sérgio Marques dos Reis. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1976. p. 10-24.

SOUZA NETO, Epitacio Nunes. **Entre boys e frangos***:* análise das performances de gênero de homens que se prostituem em Recife. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Recife, UFPE, 2009.

TONUS, José Leonardo. **Humilhados, marginais e traidores em Samuel Rawet.** 2009. Disponível em: http://etudeslusophonesparis4.blogspot.com.br/2014/01. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.